

# Apresentação ao documento “Chilavert Recupera”

Renake B. David das Neves\*

Como exposto no artigo “Tempo de trabalho e tempo livre entre os trabalhadores das Empresas Recuperadas na Argentina”, publicado no presente número da Revista *Marx e o Marxismo*, as Empresas Recuperadas por seus Trabalhadores (ERT) passaram a integrar o repertório de lutas do proletariado argentino a partir de meados da década de 1990. Em 2010, duas centenas de ERT eram contabilizadas e, ainda hoje, continuam surgindo, embora não com a profusão dos anos de crise econômica profunda que marcaram a história recente da Argentina. A imensa maioria das empresas recuperadas adotou a figura jurídica da cooperativa<sup>1</sup>.

O documento que apresentamos a seguir foi elaborado pela Cooperativa Chilavert de Artes Gráficas, fundada em 2002, na Cidade Autónoma de Buenos Aires, resultante da *recuperação* da Sociedade Anônima Gráfica Gaglianone. Especialmente entre meados da década de 1970 e os anos 1990, foi uma pequena empresa

próspera, tendo entre seus principais clientes instituições públicas. Com o majestoso Teatro Colón<sup>2</sup> manteve convênios por vinte anos para editar, com exclusividade, seus folhetos e programas. Mas com as transformações econômicas ocorridas na década de 1990, a Gaglianone começou a enfrentar dificuldades, sofrendo o impacto da importação e da mudança na demanda de livros, revistas e folhetos a partir do desenvolvimento de novos meios de impressão e formas de consulta (fotocópias massivas, impressões de computação, discos magnéticos). A situação se agravou com a recessão que se instaurara na Argentina em 1998. Horacio Gaglianone, o dono da empresa, tomou medidas para lidar com a débil situação financeira da empresa: reteve as contribuições para as aposentadorias e para a cobertura hospitalar descontadas nas folhas de pagamento e atrasou o pagamento completo dos salários dos trabalhadores<sup>3</sup>. Em 2002, a empresa pediu a segunda concordata, sem

\* Doutora em História Social pelo PPGH-UFF e pesquisadora do NIEP-Marx.

<sup>1</sup> Para mais dados de contextualização geral do desenvolvimento das ERT, consultar o artigo citado.

<sup>2</sup> O Teatro Colón, localizado no coração da cidade de Buenos Aires, foi inaugurado em 1908, com a apresentação da ópera *Aida*, de Giuseppe Verdi. Sua construção demorou quase 20 anos e veio substituir o antigo Teatro Colón que funcionou entre 1857 e 1888. Famoso por sua acústica e pelo valor artístico de seu edifício, é considerado um dos cinco melhores teatros do mundo. Ver: <<http://www.teatrocolon.org.ar/pt/>>.

<sup>3</sup> Cf. BRINER, María&CUSMANO. Las empresas recuperadas en la Ciudad de Buenos Aires: una aproximación a partir del estudio de siete experiencias. In: *Empresas Recuperadas: Ciudad de Buenos Aires*. Buenos Aires: Secretaría de Desarrollo Económico. Gobierno de la Ciudad de Buenos Aires, s/d.

informar nenhum dos trabalhadores da gráfica. Após mais de dois anos de salários sempre pagos em atraso, Horacio Gaglianone anunciou que iria vender duas máquinas da oficina para comprar outras. A princípio, os funcionários acharam normal, mas desconfiaram quando a energia elétrica da fábrica foi cortada, e foram confrontar o dono. “O cara diz pra gente: ‘rapazes, vocês viram a confusão que há no país. Isto vai para a merda, e máquinas novas não posso comprar’. Dissemos para ele que não comprasse, mas que também não poderia levar as que estavam no inventário. E ele nos responde: ‘Quem disse que estão no inventário? Eu as vendi dois meses antes’”<sup>4</sup>.

Quando a empresa pediu concordata preventiva, a Justiça designou um liquidatário para fazer um inventário, onde deviam constar, claramente, todos os bens da empresa no momento em que a concordata era solicitada, inclusive o maquinário – esses bens são uma garantia para os credores. E na legislação argentina, eles são distinguidos entre credores trabalhistas e credores privilegiados. Nota-se, portanto, que os trabalhadores não estão incluídos entre os privilegiados. As

duas impressoras que não foram arroladas no inventário pelo dono nem pelo liquidatário eram “o coração da imprensa”. Os trabalhadores decidiram ocupar a empresa no dia 04 de abril de 2002 a fim de evitar o esvaziamento<sup>5</sup>. Se este seguisse adiante, a empresa converter-se-ia em uma planta vazia e o dono far-se-ia passar, com a ajuda do juiz, do liquidatário, dos credores privilegiados, por um pobre homem que não tem nada em seu nome. Quando os trabalhadores da gráfica decidiram vigiá-la noite e dia e impedir que fosse retirada qualquer máquina do estabelecimento, Gaglianone os advertiu que “os juízes se compram”<sup>6</sup>.

Os operários apresentaram no juizado um projeto para reabertura da empresa, que assumiria a forma legal de cooperativa, mas o juiz e o síndico responsáveis pela causa rejeitaram essa possibilidade e ordenaram que desocupassem a gráfica. Os trabalhadores resistiram à ordem de despejo, assim como também entraram na Justiça com uma denúncia de fraude na composição do inventário, o que resultou na substituição do liquidatário e na revisão da posição do juiz responsável pelo caso.

<sup>4</sup> Depoimento de Cándido González, *Las cosas que hay que hacer para trabajar*. In: LAVACA Cooperativa de trabajo. *Sin Patrón: Fábricas y empresas recuperadas por sus trabajadores. Una historia, una guía*. Buenos Aires: Lavaca, 2004, p. 63

<sup>5</sup> Uma estratégia bastante utilizada por esses empresários que optaram por encerrar seus negócios foi o “esvaziamento” de empresas, i. e., deixar de investir em suas próprias companhias, chegando mesmo a retirar delas capital. A isso se combinava uma série de mecanismos que lhes consentia abandonar seus negócios a um custo mínimo, como calotes no fisco e a ruptura de contratos de trabalho, expressa principalmente na diminuição dos salários ou na descontinuidade de seu pagamento.

<sup>6</sup> Depoimento de Cándido González In: LAVACA, op. cit., 2004, p. 63.

A falência foi decretada em 10 de maio do mesmo ano. Em pouco tempo chegou uma ordem de despejo para os trabalhadores, que entraram em contato com o Movimento Nacional de Empresas Recuperadas (MNER) e as Indústrias Metalúrgicas e Plásticas Argentina (IMPA) – primeiro caso de ERT na Capital Federal. Vários vizinhos, que participavam da assembleia de bairro<sup>7</sup> de Nueva Pompeya, atenderam também ao chamado dos operários da gráfica para ajudá-los a defender seus postos de trabalho. Acudiram ainda participantes de outras assembleias de bairro, como as de Palermo Viejo, Congreso, Parque Avellaneda e Parque Patricios. Os familiares dos trabalhadores estiveram presentes durante todo o processo de ocupação.

O liquidatário encaminhou-se à fábrica acompanhado de oito carros de assalto, oito soldados, um caminhão de bombeiros e duas ambulâncias. Entretanto, não esperava encontrar uma barricada composta por cerca de 300 pessoas dispostas a defender os trabalhadores. O juiz ordenou no final da tarde o despejo. De dentro da fábrica, os trabalhadores ameaçavam atear fogo em um galão de gasolina. O comissário encarregado de cumprir a ordem de despejo, vendo a tensa situação e as centenas de pessoas que formavam barricada em torno da fábrica, convenceu o juiz a retirar a ordem, que colocou a empresa sob custódia sua e dos trabalhadores. Sob essas regras, os trabalhadores estavam impedidos de trabalhar ou receber e retirar qualquer merca-

<sup>7</sup> As assembleias de bairro (*asambleasbarriales*) começaram a se constituir logo após as jornadas de 19 e 20 de dezembro de 2001, conhecidas como Argentinação, e esse processo estender-se-ia massivamente ao longo dos meses de janeiro e fevereiro de 2002, contando com a conformação de uma assembleia que congregaria assembleias de distintos bairros da cidade de Buenos Aires (*Asamblea Interbarrial de Parque Centenario*). As plenárias gerais chegavam a reunir em torno de 150 pessoas por assembleia. Segundo estimativas da Comissão de Organização da Assembleia do Parque Centenário, em âmbito nacional, havia até o fim de junho de 2002, 150 assembleias (seis em Córdoba, quatorze em Rosário, seis em Mar del Plata, cinco em La Plata, três em Entre Rios e uma em San Juan, em Bahia Blanca, em Santa Fé, em Tucumán e em Mercedes, além de um número entre 39 e 41 no interior) e, na Capital Federal e Grande Buenos Aires, existiam entre 115 e 120 assembleias. A heterogeneidade social é um dos grandes traços característicos deste tipo de movimento. As assembleias foram herdeiras diretas do questionamento presente nas palavras de ordem “¡Que se vayan todos!”, “¡Que no quede ni uno solo!”, que ecoaram nas ruas durante o Argentinação. A partir de fevereiro e março começaram a funcionar de forma sistemática diferentes comissões – de saúde, desempregados, imprensa, jovens, educação, compras comunitárias, *escraches*, cultura etc. – que vieram a facilitar o processo de discussão e recuperação da capacidade de ação (cf. SVAMPA, Maristella. *Movimientos sociales en la Argentina hoy*. In: GONZÁLEZ BOMBAL, Inés (org.), *Nuevos Movimientos Sociales en la Argentina de la crisis*. Buenos Aires: CEDES, 2003. Cada uma dessas comissões organizava reuniões em determinados locais e horários e depois apresentavam as discussões e os projetos levados a cabo por cada uma delas. De maneira geral, encontramos tanto nas discussões e projetos levados a cabo nas comissões, quanto nas resoluções e pronunciamentos das assembleias, uma forte preocupação com a defesa de serviços públicos básicos gratuitos e de qualidade. A crise de legitimidade da democracia representativa é patente nos posicionamentos políticos encontrados nas assembleias (Muitos dos documentos aos quais nos referimos foram encontradas na internet, acessados durante o 1º semestre de 2006). Ao final do ano, as assembleias já se ressentiam de um grande esvaziamento, decorrentes da fragmentação política e da “normalização” da economia argentina.

doria, mas podiam permanecer no recinto.

Um dia antes da tentativa de despejo, um trabalho foi oferecido à gráfica, que já havia se conformado na Cooperativa de Artes Gráficas Chilavert através do Instituto Nacional de Associativismo e Economia Social (INAES): imprimir as capas e encadernar o livro *¿Que son las asambleas populares?* – a brochura do livro havia sido impressa em outra gráfica, que não pôde fazer o restante do trabalho devido a uma máquina quebrada. Antes desse trabalho (e também por algum tempo depois), os operários vinham se mantendo por meio de doações da comunidade do bairro e pela venda de chapas de alumínio à IMPA. Em poucos dias os livros ficaram prontos, mas oito policiais ficavam na porta da fábrica para evitar que os trabalhadores realizassem atividades “suspeitas”, entre elas, a saída de mercadorias, prova cabal de que estariam desobedecendo às ordens de não pôr em marcha qualquer tipo de produção.

O vizinho que morava ao lado, Don Julio Berlusconi, que inclusive já prestara muitos serviços como mecânico na Gaglianone, sugeriu uma ideia aos trabalhadores da Chilavert: passar os livros por um orifício no alto de

uma parede que separava a empresa de sua casa. Já havia sido feito um buraco nessa parede há alguns anos para a instalação de um ar-condicionado, mas Don Julio se aborreceu com o barulho do aparelho e retirou-o dali. Os trabalhadores reabriram o buraco e passaram os livros para Don Julio, que estava do outro lado, em sua casa. “Fizemos o buraco e depois o vizinho nos levava em seu carro, porque não tínhamos dinheiro nem para a passagem. Um dia estávamos aí, passando os livros pelo buraco, e alguém disse: ‘Olha as coisas que se tem que fazer para trabalhar’”, relata Cándido González, um dos trabalhadores mais antigos da empresa<sup>8</sup>. Don Julio, com essa ajuda, arriscava a própria pele, pois estava cometendo um delito sob os olhos da lei. “Mas eu sou operário, e a raiz está aí. Se tem que ajudar um companheiro, se ajuda e pronto”<sup>9</sup>. Hoje, o buraco se encontra tapado por tijolos e emoldurado – “uma obra de arte nova”, nas palavras de Ernesto González, 38 anos, nascido e criado no bairro de Nueva Pompeya, trabalhador na gráfica desde 1992<sup>10</sup>.

Os trabalhadores não desistiram de reabrir a empresa, agora sob a forma de cooperativa, e realizaram uma apresentação diante da Assembleia portenha a fim de que fosse avaliada

<sup>8</sup> Depoimento de trabalhador da Cooperativa Chilavert In: LAVACA op. cit., 2004, p. 65. Tradução nossa.

<sup>9</sup> Depoimento de Don Julio Berlusconi In: LAVACA, op. cit., 2004, p. 65. Tradução nossa.

<sup>10</sup> Entrevista de história de vida de Ernesto González, da Cooperativa Chilavert, concedida a nós em 23 de julho de 2010.

sua situação e para que se considerasse a possibilidade de aplicar a expropriação e/ou a ocupação temporária. Em 12 de setembro de 2002, a Assembleia Legislativa da Cidade sancionou uma lei em que se declarava a utilidade pública e a permissão para ocupação temporária e em que os bens intangíveis e móveis foram sujeitos à expropriação e cedidos em comodato à Cooperativa<sup>11</sup>. Enfim podiam trabalhar sem serem considerados criminosos. A expropriação definitiva foi conseguida em 25 de novembro de 2004. Em 2010, a cooperativa contava com oito sócios.

Em nossa primeira visita à Chilavert, em 2010, notamos por sobre uma das mesas do escritório da fábrica uma estatueta do Mr. Burns, personagem do desenho animado estadunidense *Os Simpsons*<sup>12</sup>. Um dos trabalhadores que nos guiara na visita justificou a presença da pequena figura: “É para que nunca nos esqueçamos do que é ter patrão”.

*Chilavert Recupera*, o documento escolhido para ser reproduzido aqui, na íntegra, apresenta, após uma breve história da Gráfica, desde sua fundação até os anos da recuperação, um projeto para o estabelecimento de um centro cultural e educacional. Neste documento, datado de 2004, podemos vislumbrar alguns dos valores estimados e outros repudiados pelos trabalhadores da empresa, o que consideram parte da luta dos trabalhadores e quem estão entre os seus adversários. As atividades descritas neste documento, elaboradas pelos trabalhadores da Chilavert em conjunto com intelectuais e artistas simpatizantes das ERT, são expressão de um fenômeno que tocou uma minoria de empresas recuperadas – a construção de centros culturais e educacionais em suas instalações. Das empresas recuperadas que optaram por erigir espaços desse tipo, podemos citar, além da Chilavert, a IMPA, A Fasinpat / Zanón e o Hotel BAUEN. Seus trabalha-

<sup>11</sup> Cf. BRINER, María & CUSMANO. Las empresas recuperadas en la Ciudad de Buenos Aires: una aproximación a partir del estudio de siete experiencias. In: *Empresas Recuperadas: Ciudad de Buenos Aires*. Buenos Aires: Secretaría de Desarrollo Económico. Gobierno de la Ciudad de Buenos Aires, s/d.

<sup>12</sup> O sítio oficial do desenho assim descreve a personagem: “Charles Montgomery Burns adquiriu seu status de Homem Mais Desprezível de Springfield à moda antiga: merecendo. Como o senhor do mal da Usina de Energia Nuclear de Springfield, Burns busca, incansavelmente, cada vez mais poder e riqueza através da exploração de seus desafortunados trabalhadores e da destruição do meio-ambiente local. Alguns de seus maiores feitos incluem: oferecer uma política de cerveja grátis para seus empregados no lugar do plano odontológico; (...) tomar o controle dos 78 canais de TV; escrever um livro de reflexões pessoais, ‘Existirá um arco-íris?’; fazer se passar por um hippie, WavyGravy, a fim de afundar um navio do Greenpeace; e bloquear o sol”. Um dizer que expresse seu amor pelo dinheiro? “Um dólar pela felicidade eterna? Eu seria mais feliz com o dólar”. Tradução nossa. <<http://www.thesimpsons.com/#/characters>>, acessado em 03/12/2012. Convém adicionar que Mr. Burns tinha total controle de cada passo e palavra de seus funcionários por meio de um sistema de câmeras mais desenvolvido do que o dos presídios norte-americanos. Um dispositivo em seu escritório de trabalho abria um alçapão a fim de despachar funcionários que se atreviam ir até lá fazer alguma reivindicação.

dores alegam duas grandes razões para fazê-lo: retribuir à comunidade o apoio que obtiveram durante a luta pela ocupação e recuperação, e produzir e preservar conhecimento e arte que estejam relacionados às experiências e aos interesses dos grupos subalternos.

O documento pode ser consultado no Centro de Documentação de

Empresas Recuperadas, criado em 2006 e mantido desde então pelo programa de extensão universitária “Faculdade Aberta”, da Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires (UBA), funcionando nas dependências da Cooperativa Chilavert (há referência ao projeto de criação deste arquivo documental de ERT no documento aqui reproduzido)<sup>13</sup>.

Recebido em dezembro de 2014

Aprovado em dezembro de 2014

<sup>13</sup> *Centro de Documentación de Empresas Recuperadas*. Endereço: Rua Marechal Chilavert, 1136, Cidade de Buenos Aires, Argentina. E-mail: [centrodoc@gmail.com](mailto:centrodoc@gmail.com). Telefone: 54 11 4924 7676. <<http://www.recuperadasdoc.com.ar>>.

## Chilavert Recupera

### Pensamento, pesquisa e produção cultural na América Atividades e propostas\* 2004

454

#### Breve resenha histórica da gráfica, da luta e de nossa experiência

A Oficina Gráfica Gaglianone é fundada em 1923. Localizada na rua Chilavert, 1146, bairro de Nueva Pompeya, dedica-se, até meados da década de setenta, à impressão de caixas para medicamentos. Seus principais clientes são, nessa época, os laboratórios Casasco, Roche, Abbot, Boehringer, entre outros.

É por volta de 1976 que a oficina sofre uma volta brusca em seu campo, começando a se dedicar e a se especializar por completo na impressão de livros de arte, particularmente das artes plásticas argentinas.

O selo Edições de Arte Gaglianone era lido nas capas de *Selección de Pinturas*, de Rómulo Macció; *Joaquín Torres García*, de Mario Gradowczyk; *Miguel Angel Vidal: Una versión clásica del arte geométrico*, de Tomas Alva Negri; *Conversaciones con M. Esther Vázquez*, de Horacio Butler; *Orlando Pierri*, de Romualdo Brughetti; *Arte Madí*, de Gyulia Kosice; *Rogelio Polesello*, de Ricardo Pau-Llosa; *Pérez Cellis*, de Gaston Diehl, e de Libero Badii, Liber Fridman, Enio Iommi e outros. Não apenas artistas renomados foram seus assíduos clientes, mas também críticos como Rafael Squirru, Carlos Espartaco e Jorge Romero Brest, historiadores, fundações, museus e galerias.

A partir de 1982 expandiu seu mercado começando a imprimir reproduções em tela, de artistas do porte de Fernando Fader, Juan Battle Planas, Raquel Forner, Cándido Lopez, Emilio Pettoruti, Ernesto de la Cárcova, Zdravko Ducmelic etc. Imprimimos livros e material gráfico para a Fundação Xul Solar, para o Museu da Casa Rosada, o Museu Nacional de Belas Artes, o Museu de Arte Moderna, o Teatro Colón, o Teatro Municipal General San Martín, as galerias Praxis, Benzacar, Rubbers e Palatina.

#### A falência fraudulenta e a nossa luta

Em 1998 começa a aparecer uma série de dificuldades financeiras que se agravam em 1999 desencadeando o fechamento [da empresa] em março de 2002.

A história da tentativa de fechamento é figurinha repetida e poderia ser resumida da seguinte maneira: um homem (desses que pensam que o mundo e tudo o que há nele é só mercado), quando viu que a maquininha não deixava excedente suficiente para acalmar seus desejos avarentos, decidiu vendê-la e ficar com a torta de muitos. Mas isso não é o que importa, mas sim a resposta que

\* Tradução de Renake B. David das Neves. Todos os grifos e maiúsculas estão presentes no original.

ele encontrou. Descobrir que os operários, além de compartilhar a exploração, podiam compartilhar ideias, podem compartilhar denúncias e desejos e, claro, podem compartilhar a força.

Nós, trabalhadores, decidimos recuperar a empresa.

Veio o momento de ocupar a fábrica e resistir, de fazer andar essa engrenagem oxidada que era a solidariedade, veio a luta contra o frio, a fome e a doença de alguns companheiros, resistir. Veio a hora de enfrentar o poder abstrato das corporações, onde as responsabilidades se diluem, exigir gás, luz, água, telefone.

Em abril de 2002 formamos uma cooperativa de trabalho com o nome Chivavert Artes Gráficas.

Desde então, até o dia de hoje, foram impressos livros de poesia com *Versos sencillos*, de José Martí, *Poesía Palestina de combate*, Ed. Nuestra América, livros de contos como *Broncabrón y otros cuentos*, de Horacio C. Ochetta, livros sobre nossa história recente, como *179 días entre El Banco y El Olimpo... y una vida para contarlo*, de Celina Benfield, *Del televisor a lacacerola*, de Norberto Galasso, *Contratapas*, de Sandra Russo, *Fútbollimpio, negocios turbios*, de Gustavo Veiga, de arte, como *Imágenes Porteñas*, do desenhista Bruno Veronese, catálogos de mostras de artistas plásticos etc.

Hoje em dia, os clientes não apenas se aproximam pela qualidade das impressões e por nossa longa experiência no ofício. Pouco tempo depois de recuperar a fábrica, começamos a descobrir como o conteúdo dos materiais que estavam sendo impressos tinha a ver com a história de nossa luta, que, definitivamente, hoje enxergamos, é uma mais entre tantas outras.

As pessoas querem imprimir em nossa fábrica não apenas pelo que somos como gráficos, mas também pelo que somos como homens...

### **A solidariedade**

Desde o primeiro momento na luta para recuperar nossa fonte de trabalho, recebemos o apoio e a solidariedade dos vizinhos de nosso bairro e dos trabalhadores de outras empresas que estavam vivendo uma situação parecida ou que já a haviam vivido. Estes trabalhadores não apenas nos acompanharam na porta de nossa fábrica, mas também nos assessoraram legalmente para conseguir nosso objetivo. Uma vez recuperada nossa fábrica, decidimos nos somar ao MNER para poder acompanhar e ajudar a qualquer companheiro que esteja em luta para manter sua fonte de trabalho.

Acreditamos que o que acontece dentro destas fábricas é um exemplo claro de que outra realidade é possível. Valores como a solidariedade, a convivência com as diferenças do outro, o desenvolvimento da identidade e da recuperação de uma cultura do trabalho que tem como eixo o homem e não a acumulação material são os impulsores e o coração deste fenômeno. São pequenas pontes de esperança e incentivos à projeção dos melhores desejos do homem.



### **E nosso espírito vai crescendo...**

Tendo superado o passo de reabrir a fábrica como espaço industrial, nós, companheiros da gráfica Chilavert, tratamos de abri-la agora como um espaço social, tentando vincular a luta e o saber dos trabalhadores com outros âmbitos da sociedade.

Acreditamos que é importante impulsionar atividades que fomentem a difusão da produção artística nacional e estimulem, a partir dessa plataforma, o conhecimento e o pensamento crítico sobre nossa realidade, história e identidade cultural. Buscando, então, ampliar os campos de ação e de discussão, a Cooperativa Gráfica Chilavert inaugura um novo espaço no primeiro andar de sua planta.

### **Área de cultura da cooperativa Chilavert Artes Gráficas**

#### **Nosso espírito**

Parafraseando Eduardo Galeano, entendemos: cultura = comunicação; se não cumprimos esse objetivo, será em vão nosso esforço e sem sentido nossa luta.

Por meio das ações culturais, recuperaremos, juntos, os tecidos danificados, desgastados e traiçoeiramente manipulados pelos profanadores da memória do povo e, participando, iremos deixando o descomprometido papel de espectadores.

Tantos os atuais como os passados governos não deixaram de nos oferecer como modelo uma cultura eventual, consumista, temporária, uma cultura massificada. Urdida para travar e imobilizar o pensamento, frear o impulso criativo, a crítica espontânea e construtora do gosto de um povo, eliminando a questão. Porque a arte é “questão” na América, ou não é arte; e os produtos artísticos de uma cultura são o reflexo de seu povo.

Então, em que espelho estivemos nos vendo todos esse anos?

Sem nenhuma dúvida, no espelho deformado do modelo cultural do poder. Cultura hegemônica que, por meio de empresas e comunicadores midiáticos que desde *Clarín*, *La Nación*, *Gente*<sup>1</sup>, ou como Telerman, Di Tella, Glusberg<sup>2</sup>, e

<sup>1</sup> O *Grupo Clarín* é o maior grupo midiático da Argentina, abrangendo diversos meios de comunicação. Oficialmente formado em 1999, sua história remete à fundação, em 1945, do jornal de maior circulação na Argentina, o *Clarín*. *La Nación* é um jornal diário, fundado em 1870 por Bartolomé Mitre (presidente da Argentina entre 1862-1868); considerado o maior porta-voz da direita conservadora no país, é o principal concorrente do *Clarín*, de centro-direita. *Gente* é uma revista semanal “especializada” em publicar conteúdo sobre a vida daqueles considerados “celebridades” (e também “subcelebridades”).

<sup>2</sup> Jorge Telerman (1956), portenho, é jornalista e empresário do entretenimento; foi vice-prefeito da Cidade de Buenos Aires de 2003 a 2006, ano em que assumiu a prefeitura, após aprovação do impeachment do prefeito Aníbal Ibarra (por ter sido considerado o principal responsável político pelo incêndio da boate República Cromagnon, que matou 194 pessoas); Telerman ocupou a prefeitura portenha até 2007. Torcuato Di Tella (1892-1948), imigrante italiano, inventa, aos 19 anos, por ocasião de uma greve de padeiros em uma panificadora uma máquina amassadora de pão. O êxito da invenção levou-o a criar sua própria empresa, a SIAM (Sección Industrial Amasadoras Mecáni-

todos os conhecidos *acomodados das épocas e das causas*, que deixaram um legado de desinteresse, vacuidade e ignorância congênita adquirida em revistas semanais; enquanto eles se deleitam, hoje, entre teorias pomposas e carnicieras sobre as novas tendências e supostos protagonistas de uma arte “resultante da crise”, como vultosos subsídios internacionais que financiam sua caducidade, justificando, por sua vez, a irremediável decadência de suas próprias culturas.

Propomo-nos uma tarefa: gerar uma alternativa de trabalho e difusão cultural. Sem pretensões, sem exclusividades.

Traçamos um caminho para percorrê-lo.

Definimo-nos como trabalhadores da cultura e seria irresponsável pensar em um objetivo diferente ou apressado, ou pensar em um fim último, sem sentir do nosso lado a presença das pessoas, a batida do coração do trabalhador, do atual desempregado que, com passo firme e irrevogavelmente, decidiu ser artífice de seu próprio destino.

**CHILAVERT RECUPERA: PENSAMENTO, PESQUISA E PRODUÇÃO CULTURAL NA AMÉRICA** é como decidimos denominar este empreendimento. Este é o nosso anseio.

## Desenvolvimento

### 1. Educação e formação

#### • Oficina de Jornalismo

Durante o mês de junho estará aberta a inscrição para o primeiro módulo da oficina de jornalismo, ministrado pela fotógrafa Ana Moran e pelo jornalista Gabriel Plaza. Este módulo, que se divide nas matérias de Fotografia e Jornalismo, compreenderá dois quadrimestres de formação teórico-prática. Ao fim do curso, somam-se o módulo de Diagramação e Edição de meios gráficos, a

---

cas). Os negócios se expandiram, especialmente graças às relações com Enrique Mosconi, diretor da YPF (Yacimientos Petrolíferos Fiscales), e na década de 1930, produzindo maquinaria industrial e eletrodomésticos, torna-se o maior conglomerado industrial latino-americano, empregando 10 mil trabalhadores. Elaborou vários projetos para leis de seguridade no trabalho e representou a Argentina em diversas conferências da OIT (Organização Internacional do Trabalho). Seus filhos, que assumiram os negócios após sua morte, fundaram, em 1958, o Instituto Torcuato Di Tella, organização filantrópica para a promoção de artistas locais. A empresa foi à bancarrota em 1972, tendo sido nacionalizada pelo Estado argentino. Em 1986 a empresa foi desmembrada e vendida a grupos privados. Em 1991, a família fundou a Universidade Torcuato Di Tella; mesmo ano em que Guido Di Tella, um dos herdeiros, foi nomeado Ministro das Relações Exteriores do primeiro governo Menem. Jorge Glusberg (1932-2012) é considerado um dos grandes promotores/gestores culturais da Argentina. Foi um grande incentivador das artes de vanguarda e experimentais, codiretor do Comitê Internacional de Críticos de Arquitetura, e interlocutor de artistas, intelectuais e diversos colecionadores. Fundou a Bienal de Arquitetura de Buenos Aires. Entre 1994 e 2003, foi diretor do Museu Nacional de Belas Artes (MNBA) em Buenos Aires, uma das instituições culturais mais importantes do país. Nos últimos anos do século XX, sentenciou que a crítica de arte se convertera em um fim em si mesmo, sendo desnecessário recorrer galerias para tanto.

cargo do Prof. HernánCardinale, e uma série de aulas teórico-práticas para compreender o sistema de impressão Offset e o funcionamento das máquinas da cooperativa.

O objetivo da oficina é que os alunos percorram a prática comunicacional desde a “produção da nota” até “sua publicação”, por meio de uma formação integral que lhes brinde todas as ferramentas conceituais e materiais para gerar comunicação a partir de um meio gráfico popular. Sobretudo, porém, buscará que essas ferramentas sirvam para exercer o ofício jornalístico como carreira de trabalho, como ferramenta de transformação e mudança, ou como o canal de diálogo com a sociedade e a organização que represente: comunal ou de bairro etc.

**As aulas serão ministradas terças e quintas-feiras, de 19 às 21h, a partir de julho de 2004.**

O custo da oficina é de 40 pesos mensais.

É dirigido a estudantes de jornalismo, organizações de base, ao público em geral, com ou sem experiência.

**Responsáveis: Ana Moran, HernánCardinale e Gabriel Plaza.**

#### • Estágio com as escolas de Belas Artes

Em convênio com a Secretaria de Educação do Governo da Cidade [de Buenos Aires], as Escolas de Ensino Médio de Belas Artes, as Escolas do Ensino Médio Técnicas com orientação na área gráfica e a Cooperativa Chilavert Artes Gráficas propõem o seguinte projeto:

- I. Desenvolver um programa de estágio para estudantes que estejam cursando o último ano da carreira nestas escolas, para capacitação em encadernação artesanal e recuperação de livros.
- II. Formar uma equipe com os estagiários que tenha o conhecimento técnico e completo para recuperar e reencadernar livros em mau estado de bibliotecas de escolas públicas, oferecendo as instalações da Cooperativa Chilavert Artes Gráficas e seus recursos humanos para seu desenvolvimento.

**Objetivos:** gerar um vínculo entre as escolas e as experiências de autogestão dos trabalhadores, nutrir a escola a partir de outros espaços onde existam saberes acumulados, recuperar ofícios, estreitar teoria e prática no trabalho e construir espaços concretos onde aplicar o conhecimento.

**Responsáveis: Marcelo Carpita, Aníbal Figueroa, Manuel Basualdo.**

#### • Espaço de pesquisa comunitária

Um espaço para o desenvolvimento do pensamento por meio da pesquisa comunitária, abrindo caminhos entre o estético, o científico, o social, o cotidiano.

**Responsável: Florencia Kusch.**

- **Arquivo das Empresas recuperadas**

Um arquivo que procura pôr à disposição dos estudantes, pesquisadores e curiosos em geral informação sobre a experiência da recuperação de fábricas. Notas jornalísticas, ensaios e teses acadêmicas, fotos, vídeos, comunicados, material gráfico, para construir uma memória ativa e dinâmica a partir da ação.

**Horário e dias de consulta: Sextas-feiras, das 14 às 18h.**

Coordenado pela Equipe Faculdade Aberta, do Departamento de Extensão Universitária da Faculdade de Filosofia e Letras [Universidade de Buenos Aires – UBA].

**Responsável: Carlos Martínez.**

- **Arquivo e memória crítica sobre o discurso e a produção artística em nosso país**

**Responsável: Eduardo Molinari.**

- **Biblioteca popular**

A cooperativa conta com mais de 400 títulos publicados sobre arte à disposição do público.

**Aberta às quartas-feiras, das 14 às 19h, e às quintas-feiras, de 10 às 14h.**

**Responsáveis: Marisa Jaime e Carina Monasterio.**

## **2. Promoção e difusão**

- **Ciclos de música**

A área de cultura “CHILAVERT RECUPERA” propõe ciclos por gênero [musical], a partir das 21h.

A entrada-colaboração oscila entre três e cinco pesos.

Também realizamos um convênio com a Escola de Música Popular de Avelaneda para promover os trabalhos práticos de seus alunos na primeira parte do ciclo.

**Responsável: Pablo Manis.**

- **Ciclo de Cinema**

CHILAVERT RECUPERA e o Movimento de Documentaristas organizaram um ciclo de projeções documentais e longas-metragens de realizadores envolvidos e comprometidos com a realidade social.

As sessões estão programadas uma vez por semana, a partir de outubro de 2004, com a entrada simbólica de um peso.

Convidamos vizinhos, escolas do bairro, organizações sociais, estudantes universitários e o público em geral.

- **Galeria de exposições**

Uma galeria de exposições, que mostre e demonstre.

**Responsável: Marcelo Carpita.**

- **Apresentações de livros, debates e conferências**

Um espaço para o diálogo, que parte do contar e mostrar obras, experiências, pensamentos e projetos.

- **Momentos de teatro**

Sem pretender construir uma programação de teatro própria, o espaço se transforma em cenário para propostas e montagens independentes, vocacionais e profissionais.

**Responsável: Ana Gilardini.**

- **Museu itinerante**

Aproveitando as reproduções da obra de grandes artistas argentinos impressas na cooperativa, estamos elaborando uma mostra itinerante com 20 pinturas, acrescidas de material sobre a vida e o contexto dos artistas que as produziram, para levar aos bairros, escolas e outros espaços de cultura. Com o desejo de dessacralizar os museus como único espaço para a apreciação, somar ao conhecimento de nossos artistas, desenvolver o sentido da apreciação e impulsionar a criação de imagens como ferramenta de transformação e liberação.

**Responsável: Martín Cossarini**

### **3. Produção**

- **Desenvolvimento de nosso selo editorial**

Estamos preparando um projeto editorial dedicado à difusão da cultura que acompanha a reconstrução de uma nova trama social.

- **Segundas jornadas de arte pública e muralismo latino-americano**

**De segunda-feira, dia 11, a sábado, dia 16 de outubro de 2004**, “na semana do terceiro aniversário da conformação da Cooperativa Chilavert Artes Gráficas”.

Jornadas de produção e debate crítico sobre a atitude do produtor estético-cultural na América, no marco de *Anotações para uma estética do americano* (195...), de Rodolfo Kusch, e de *A cultura da resistência* (1973), de Marta Traba.

**Atividades:**

- I. Seis pinturas murais a serem realizadas em empresas recuperadas por seus trabalhadores.
- II. Conferências audiovisuais sobre atividades de arte pública.
- III. Mesas redondas.
- IV. Trabalho em comissões e Elaboração de documentos.

**Organiza:** CHILAVERT RECUPERA – área de cultura – e a Oficina de Arte Pública e Muralismo Latino-americano da Escola de Belas Artes Manuel Belgrano.

**Sede:** Cooperativa Chilavert de Artes Gráficas – Rua Chilavert, 1136. Buenos Aires.

**Responsável: Marcelo Carpita.**

Chilavert Recupera – setor de cultura da Cooperativa Chilavert Artes Gráficas  
Rua Chilavert, 1136. Bairro Pompeya. Cidade Autônoma de Buenos Aires.  
Tel. 49247676 / e-mail: [chilavertrecupera@argentina.com](mailto:chilavertrecupera@argentina.com)